

CONCEITO DE PESSOA EM PSICOLOGIA: A CONTRIBUIÇÃO DA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN¹

Concept of Person in psychology: the contribution of the phenomenology of Edith Stein

Concepto de Persona em psicologia: la contribución de la fenomenologia de Edith Stein

Marina Massimi - Universidade de São Paulo
Carolina de Resende Damas Cardoso- Universidade de São Paulo

Marina Massimi
Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto
Professora Titular Departamento de Psicologia FFCLRP. História da psicologia

Carolina de Resende Damas Cardoso
Universidade de São Paulo
Ribeirão Preto
Doutoranda Programa Pós-Graduação em Psicologia. FFCLRP. Mestra pelo mesmo Programa.

Correspondência

Marina Massimi
mmassimi3@yahoo.com
Carolina de Resende Damas Cardoso
cmrdc@hotmail.com

¹ Agradecemos o apoio da FAPESP e do CNPq

Resumo

Conduzido por uma perspectiva histórica, o trabalho apresenta a contribuição da fenomenologia para a reproposição do tema da pessoa na psicologia contemporânea, não mais como construto teórico e a priori e sim como resultado da análise das vivências humanas baseada no método fenomenológico. O percurso realizado inicia por uma introdução histórica acerca da constituição dos saberes sobre a pessoa na tradição cultural do Ocidente e da discussão sobre o tema nas Ciências do Espírito na Alemanha do século XIX. A seguir, é apresentada a propostas da fenomenologia de Husserl e as aplicações desse método ao estudo da pessoa, realizadas por Edith Stein. Conclui-se que o conceito de pessoa foi perdido na psicologia contemporânea, principalmente diante de perspectivas herdeiras do movimento do Estruturalismo filosófico. A fenomenologia, contudo, proporciona uma possibilidade de resgate do mesmo, não tanto como construto teórico e sim enquanto fenômeno.

Palavras chaves: saberes psicológicos; história da psicologia; pessoa humana; Edith Etein.

Abstract

Based on a historical perspective, the paper seeks to present the contribution of phenomenology to the re-presentation of the theme of the Person in contemporary psychology, no longer as a theoretical and a priori construct but as a result of the analysis of human lived experiences based on the phenomenological method. The course begins with a historical introduction about the knowledge of the Person in the cultural tradition of the West as well as the discussion of the theme inserted in the Sciences of the Spirit in nineteenth-century Germany. Then, it is presented Husserl's phenomenology and the applications of this method to the study of the Person made by Edith Stein. In conclusion, the concept of person was lost in contemporary psychology, especially in view of inherited perspectives of the movement of philosophical Structuralism. Phenomenology, however, provides a possibility of redemption, not so much as a theoretical construct, but as a phenomenon.

Key words: psychological knowledge; history of psychology; human person; Edith Stein.

Resumen

Conducido por una perspectiva histórica, el artículo presenta la contribución de la fenomenología a la representación del tema de la persona en la psicología contemporánea, no como constructo teórico a priori, sino como resultado del análisis de las vivencias humanas basada en el método fenomenológico. El recorrido realizado comienza por una introducción histórica acerca de la constitución de los saberes sobre la persona en la tradición cultural de Occidente y de la discusión sobre el tema en las Ciencias del Espíritu en la Alemania del siglo XIX. A continuación, se presenta las propuestas de la fenomenología de Husserl y las aplicaciones de ese método al estudio de la persona, realizadas por Edith Stein. Se concluye que el concepto de persona se ha perdido en la psicología contemporánea, principalmente ante perspectivas herederas del movimiento del estructuralismo filosófico. La fenomenología, sin embargo, proporciona una posibilidad de rescate del mismo, no tanto como constructo teórico sino como fenómeno.

Palabras claves: saberes psicológicos; historia de la psicología; persona humana; Edith Stein.

Introdução

O presente trabalho visa propor uma discussão crítica acerca da possibilidade de o conceito de pessoa constituir ainda hoje, um tema significativo de análise para a psicologia contemporânea, à luz das investigações fenomenológicas de Edith Stein.

No panorama contemporâneo das ciências humanas, é frequente a pergunta sobre o que significa hoje ‘estudar a pessoa’, e se não seria suficiente dizer que estudamos o homem (Bertagna, 2006). Com a finalidade de abordar estas questões, faz-se necessário questionar o que se entende por pessoa e como é possível conhecê-la.

Sabemos pelos estudos históricos em psicologia e filosofia que a elaboração do conceito da pessoa na tradição cultural ocidental ocorreu num domínio extenso de conhecimentos que definimos como saberes sobre a pessoa; e, posteriormente, no âmbito das Ciências do Espírito, na Alemanha do século XIX. A seguir propomos alguns breves acenos históricos sobre esse percurso.

Breve panorama histórico

Saberes sobre a pessoa e tradições de pesquisa na história da cultura ocidental

A formulação do conceito de pessoa bem como dos métodos para o conhecimento da mesma se constituíram no terreno de saberes, em diferentes áreas da cultura ocidental, que chamamos de saberes sobre a pessoa, ou saberes psicológicos (Massimi, 2016). Propriamente, tais saberes resultaram da articulação de alguns eixos estruturantes desenvolvidos em diferentes áreas do conhecimento e encontraram expressão através de vários gêneros literários. Os alicerces do conceito de pessoa na cultura ocidental foram estabelecidos numa longa duração iniciada pela tradição greco-romana e consolidada no período medieval. Os mesmos inspiraram o Humanismo e o Renascimento e foram objeto de revisão e discussão pelas filosofias e pela medicina da Idade Moderna.

Nestas tradições, ao longo do tempo, os principais tópicos que se relacionam com a pessoa foram formados, organizados, articulados e sistematizados. Realizou-se, assim, o entrelaçamento entre diversos tipos de conhecimento em torno de objetivos comuns. De fato, cada um desses domínios de conhecimento tematiza, investiga e procura respostas a certas questões, sintetizando saberes em torno delas. Quais seriam essas questões? A primeira concerne às modalidades de representação da condição existencial. A segunda refere-se à pergunta *quem sou eu* e como eu posso me conhecer? A terceira remete às causas dos *desequilíbrios* experimentados por nós mesmos, ou que observamos em outros e as modalidades para o seu cuidado. A quarta questão refere-se à distinção entre este ser que sou eu e os demais seres (Massimi, 2016).

Para responder a estas perguntas ao longo do tempo, diferentes métodos foram escolhidos e foram utilizadas várias formas de expressão, ou seja, gêneros literários. A representação da pessoa humana e de sua condição neste mundo foi elaborada pela poesia, pelo teatro, pela estrutura retórica de diálogos, pela narrativa literária e pelas artes, como por exemplo, a pintura dos retratos. A tematização da “voz interior” e do imperativo de conhecer-se a si mesmo encontra-se na filosofia, nas tradições religiosas e de espiritualidade, nos gêneros da autobiografia e da correspondência epistolar (trata-se de saberes sobre a pessoa que são também *saberes da* pessoa). O estudo e a cura do equilíbrio e desequilíbrio psicológicos na perspectiva da medicina psicossomática da alma se consolidaram através diversos gêneros de escrita médica, literária, retórica e filosófica (chamados também de medicina da alma). A construção do referencial teórico do saber sobre a pessoa no conhecimento especulativo ocorre principalmente nos domínios da filosofia e da teologia (Massimi, 2016).

Em suma, a gênese do conhecimento sobre a pessoa acontece por meio desses eixos estruturantes que, porém, não devem ser interpretados como núcleos separados. Com efeito, existem influências recíprocas e interações, de modo que para constituir um determinado conceito e definir as terminologias apropriadas, contribuíram em muitos casos os aportes de um ou mais, dentre os eixos estruturantes acima definidos. (Massimi 2016).

Origens das Ciências do Espírito na Alemanha do século XIX

A tematização do estudo da pessoa como objeto das Ciências do Espírito tem raízes no idealismo filosófico da Alemanha do século XVIII. Seus expoentes principais, Schelling (1775-1854), Fichte (1762-1814) e Hegel (1770-1831), afirmavam a supremacia do espírito e da racionalidade humana no processo de conhecimento do mundo. E, ao fazer isto, colocavam a importância central do estudo da pessoa.

Outros movimentos também atuaram como coadjuvantes deste contexto, tal como o romantismo, cujo maior expoente fora Goethe (1749-1832); e o neo-humanismo alemão que resgatava a formação espiritual do indivíduo sustentada pela experiência estética e pela racionalidade (Ringer, 2000; Hauser, 2003; Merz, 1896). Alguns de seus principais expoentes foram Alexander von Humboldt (1769-1859), Schiller (1759-1805) e Herbart (1776-1841). Foi decisivo também o movimento do Iluminismo alemão (*Aufklärung*) de Christian Thomasius (1655-1728), Christian Wolff (1679-1754) e Immanuel Kant com “a insistência na importância espiritual do livre exercício do intelecto” (Ringer, 2000, p. 93). O valor estabelecido de uma supremacia do exercício racional em detrimento do mero pragmatismo científico inspirou o modelo da Universidade alemã – sendo a Universidade de Berlim, fundada em 1810 a partir do projeto de Wilhelm von Humboldt.

O cenário germânico ao final do século XIX testemunhou o surgimento de disciplinas científicas que buscavam alicerçar seus métodos próprios, independentes da filosofia, sendo

a psicologia uma delas. Diante deste acontecimento, vários filósofos se opuseram à extensão da metodologia das Ciências Naturais às demais ciências, proposto pela epistemologia positivista. Contestavam, especialmente, a pertinência de utilizar os métodos das ciências experimentais da natureza para abordar fenômenos humanos.

Dentre eles, Wilhelm Dilthey (1833-1911) buscou superar tal reducionismo epistemológico. Em sua obra *Die geistige Welt. Einleitung in die Philosophie des Lebens* (1924), ele rejeitou a tentativa de alguns “cientistas filosofantes” em conceberem o espírito (*Geist*), responsável pela própria faculdade do raciocínio, “como produto do mundo da natureza” e, portanto, submetido às formas de investigação das Ciências Naturais. (Dilthey, 1924, p. 3, citado por Rovighi, 2011, p. 270). Dilthey propôs que se buscasse, ao invés da simples adoção acrítica dos métodos das Ciências Naturais, uma metodologia adequada para a esfera do espírito e de seus produtos.

Posto que boa parte dos intelectuais alemães do século XIX afirmavam a necessidade de considerar a especificidade do espírito em relação à natureza, vejamos agora quais as implicações desse posicionamento no que diz respeito ao estudo da pessoa naquele contexto filosófico e cultural. Para tanto, é importante entendermos a significação do termo alemão utilizado para indicar o ser propriamente pessoal: *Geist*. A palavra *Geist* denota o aspecto qualitativo exclusivo da estrutura pessoal humana, mas na cultura alemã daquela época, ela não estava somente circunscrita ao nível individual. Tratava-se de um conceito crucial que norteava os princípios dos intelectuais alemães do século XIX e sustentava seus ideais de educação e ciência (Ringer, 2000).

O termo tornou-se fundamental em meados do século XIX em diante, em um período de propagação das tendências materialistas e científicas, alicerçadas no rápido progresso industrial (a partir de 1870 no país) que, ao mesmo tempo em que trazia

crescimento econômico, resultava também em rápidas mudanças sociais. Nesse contexto, o termo *Geist* expressava uma oposição à crescente massificação cultural proveniente daquelas rápidas mudanças sustentadas por exigências materialistas e pragmáticas advindas dos avanços tecnológicos. Os intelectuais alemães opunham-se ao cientificismo materialista (das tradições francesa e inglesa), sustentando uma concepção de ciência como uma espécie de saber erudito partilhado, denominado *Wissenschaft* (Ringer, 2000).

O conceito de *Geist* ainda fornecia o fundamento para o entrelaçamento entre os ideais de ciência (no sentido de um saber erudito ou *Wissenschaft*), cultura, sociedade e educação. Além disso, alicerçava o ideal da educação alemã, indicado pelo termo *Bildung*. A ênfase no aspecto da formação interna do homem caracterizava o conceito de *Bildung* enquanto formação que incluía também uma finalidade formativa espiritual.

A enciclopédia *Der große Brockhaus* (1928-1935 citado por Ringer, 2000, p. 95, grifos nossos) assim definiu o termo: “*Bildung* significa formar a alma por meio do ambiente cultural”. A educação baseada nesses termos não era apenas uma instrução aplicada, mas supunha a condução do indivíduo à participação no mundo espiritual, relacionava-se com o cultivo da vida interior da pessoa (cultura) e a formação de seu caráter de maneira integral. A *Bildung* deveria estar orientada à “aquisição pessoal de uma *Weltanschauung* [visão de mundo]” (Ringer, 2000, p. 110), considerando-a não apenas como um sistema de orientação filosófica e epistemológica, mas também e principalmente, como “uma postura emocionalmente ativa perante o mundo, uma síntese pessoal das observações e juízos de valor na qual os objetivos dos indivíduos estariam relacionados com seu entendimento do universo” (Ringer, 2000, p. 110).

O conceito de *Geist* fundamentava também a concepção de *Kultur* (cultura). Esta, segundo Ringer (2000, p. 96), “referia-se ao cultivo da mente e do espírito” passando, mais

tarde, a designar “seu sentido mais geral de síntese de todas as realizações do homem civilizado na sociedade”. *Kultur* expressava ainda “uma genuína espiritualidade ou cultivo da sabedoria”, a saber, uma “condição interior e às realizações dos homens cultos” (Ringer, 2000, p. 97-98).

Em suma, no âmbito cultural da Alemanha entre século XIX e inícios do século XX, a tematização da pessoa era focada no conceito de *Geist*, que indicava as características propriamente humanas do ser, por sua vez também fundamentos da atividade cognitiva do homem e objeto de uma área de estudos própria: as Ciências do Espírito. Nesse contexto, surgiu, na Alemanha do século XIX, a psicologia científica e com ela o impasse na classificação desta nova ciência entre as ciências naturais e as ciências do espírito (Araújo, 2009).

Questionamentos contemporâneos

No contexto atual, surgem alguns questionamentos quanto à natureza e aos objetivos das ciências da pessoa. Tais questionamentos podem ser sintetizados na seguinte pergunta: o conceito e o termo pessoa são dispensáveis na contemporaneidade, como sustentam algumas abordagens nas ciências humanas? Diante desta questão, o Construcionismo Social é, atualmente, a principal abordagem contemporânea que nega a concepção de pessoa, identificando-a a uma mera identidade narrativa.

Para esta abordagem, o conceito de pessoa é substituído pelo termo inglês *self*, cuja natureza dialógica enfatiza a identificação do si mesmo como uma construção narrativa (Edwards & Potter, 1992). A ideia da natureza polifônica do *self* não é nova, mas remonta às origens da Psicologia científica, estando presente nos *Princípios de Psicologia* (1890) de William James. No capítulo décimo do tratado, dedicado à consciência do eu, James propôs dividir em quatro grupos os componentes do *self*: o *self* material ou corporal (o “mim

mesmo”), o *self* social (ou seja, o ser reconhecido pelos outros), o *self* espiritual (a saber, o estado subjetivo, ou interno, do homem derivado de sensações dos movimentos corporais, sobretudo no nível fisiológico) e o Eu puro (o sentido de nossa identidade pessoal, o eu consciente capaz de refletir acerca de si mesmo).

Inspirando-se em James, G. H. Cooley (1864-1929) formulou o conceito de “*looking-glass self*” (1902), ou seja, o *self* espelhado; e o sociólogo pragmatista G.H. Mead (1863-1931), afirmou que a identidade pessoal deriva das relações sociais e do papel que o indivíduo desempenha na sociedade (Mead, 1903). Mais recentemente, Bruner (1997) apontou para o *self* enquanto autor da narrativa, de modo que cada sujeito constrói-se a si mesmo através de estórias onde se descreve. Deste modo, a identidade pessoal coincide com a narrativa de si, da própria história. Outro autor, K. Gergen (1999) elaborou o conceito de *self* relacional, ou seja, agente discursivo.

Se por um lado, o Construcionismo Social de recoloca a importância da dimensão narrativa (dialógica) do *self*, por outro, nega a realidade fenomênica e objetiva das experiências pessoais, sendo a pessoa reduzida a mero produto de interações, ou conversações. Com efeito, segundo Gergen, “nada é real, se não houver um acordo social acerca do fato que seja tal” (Gergen 1988, p. 8).

Posto que o processo de consolidação das ciências humanas, de modo geral, e da psicologia em particular, não deva desconsiderar a historicidade de seus conhecimentos, não se pode, porém, dispensar a referência ao mundo objetivo dos fenômenos da vida pessoal. Para tanto, cabe buscar uma epistemologia consistente, a qual estabeleça as condições para um conhecimento rigoroso. É nesta ótica que se coloca a abordagem às ciências da pessoa proposta pela fenomenologia, de modo particular por Edith Stein, formulada no intuito de

superar a contraposição entre ciências da natureza e ciências do espírito no enfoque desse objeto.

As ciências de pessoa segundo a fenomenologia de Edmund Husserl

A fenomenologia em suas origens retomou o problema filosófico do conhecimento, em uma perspectiva que rejeitava o psicologismo e o naturalismo presentes nas ciências emergentes ao final do século XIX. Edmund Husserl (1859-1938), seu formulador, buscou pautar o fundamento do conhecimento na apreensão dos fenômenos pela consciência intencional. Tal formulação possui uma dupla implicação: a primeira remete à concepção do que vem a ser um fenômeno; a segunda, do que consiste em a consciência intencional (Husserl, 1996).

O psicologismo, concepção filosófica cujas raízes remontam ao Empirismo, partia do pressuposto de que o conhecimento seria produto da atividade psíquica. Pautado pelo Princípio de Imanência, sustentava a impossibilidade do conhecimento da realidade em si, externa ao sujeito, de modo que ao mesmo somente seria dado conhecer as próprias representações mentais (*Vorstellung*) da mesma realidade. Tornando impossível o acesso direto aos objetos dados em si mesmos, o acesso ao mundo e à realidade deveria ser mediado pelos atos psíquicos. Consequência desse postulado foi a redução da objetividade à subjetividade.

Nas palavras de Porta (2004, p. 115): “a essência do psicologismo é o reducionismo”, a saber, “o desconhecimento de uma diferença entre o objetivo e o subjetivo”, cuja consequência é o idealismo, o solipsismo, o ceticismo. Em suma, a negação da objetividade. Em função das teses psicologistas, seguiu-se a conclusão de que a psicologia, enquanto ciência da vida psíquica deveria fornecer o fundamento último para todo e qualquer conhecimento, fosse ele filosófico ou científico. Questões decorrentes do psicologismo são:

pode a mente construir a realidade? Se a minha mente é capaz de construir a realidade, como saber se de fato existe uma realidade fora de mim, ou mesmo outras pessoas?

Foi neste contexto que Husserl, influenciado pelo movimento do realismo lógico de Bernard Bolzano (1781-1848) e Gottlob Frege (1848-1925), opôs-se à tese psicologista e alicerçou sua proposta filosófica, a fenomenologia, na descrição fiel dos fenômenos, pautando o fundamento do conhecimento na apreensão dos fenômenos pela consciência intencional (Porta, 2004). A palavra fenômeno já carrega em si a oposição ao psicologismo, vindo a significar, justamente, a “coisa em si” (*Sachen selbst*), todo e qualquer objeto – natural, psíquico, espiritual – que emerge diante da consciência, porém que está “fora” dela, não constituindo um produto mental (Stein, 2005a).

Ao distinguir-se das concepções idealistas e empiristas da natureza da consciência, a fenomenologia ressalta sua natureza intencional: uma consciência sempre voltada para algo fora de si. A consciência intencional, ou natureza intencional da consciência, indica que ela está sempre voltada para algo fora de si. Enquanto na visão empirista as representações constituiriam objetos imanentes à consciência, os fenômenos são sempre transcendentés à consciência segundo a fenomenologia (Stein, 2005a). Isso não quer dizer, contudo, que os fenômenos sejam independentes da consciência intencional. Eles, de certa forma, a constituem, são o seu complemento. Husserl não se ocupa em estabelecer a tese do realismo metafísico, ou seja, não importa dizer se o fenômeno “existe” ou não, importa que ele emerja enquanto tal diante da consciência.

O problema do conhecimento, segundo os postulados fenomenológicos, pauta-se, portanto, na apreensão dos fenômenos pela consciência intencional. Como é possível, então, que a consciência apreenda algo que a transcenda, ou as coisas em si mesmas? É possível adquirir conhecimentos rigorosos acerca dos fenômenos? Husserl definiu a fenomenologia

como uma ciência apriorística, que havia de fornecer o fundamento para o conhecimento científico (Stein, 2005a). O filósofo apontou um método específico para as investigações fenomenológicas: as reduções eidética e transcendental. A primeira abrange o passo da *epoché*, ou a suspensão do juízo a respeito da realidade, que significa “colocar entre parênteses”, sem descartar, toda a realidade admitida pela atitude natural e científica. Quando a realidade é colocada entre parênteses, restam as vivências puras, ou seja, despidas das roupagens – preconceitos e pressupostos estabelecidos – da realidade. Os fenômenos cuja investigação se almeja são os correlatos das vivências puras, de modo que o segundo passo do método se volta à descrição da estrutura transcendental do sujeito cognoscente – resíduo da redução eidética do sujeito psicofísico (Stein, 2005a).

A consciência intencional consiste no fluxo das vivências puras, que podem ser apreendidas pela “descrição fiel dos fenômenos” (Stein, 2005a, p. 684, tradução nossa). Esta é a tarefa da fenomenologia, a qual se distingue da psicologia, na medida em que busca analisar e descrever as vivências do eu puro, “independente de todas as condições reais e que se capta por si mesmo” (Stein, 2005a, p. 685, tradução nossa).

As ciências de pessoa segundo a fenomenologia de Edith Stein

Edith Stein (1891-1942), discípula de Husserl, utilizou o método fenomenológico para abordar o estudo da estrutura do ser humano em diversas obras (Stein, 1917; 2005a; 2005b; 2010a; 2010b). Foi por meio da descrição das vivências intencionais que Stein propôs uma elucidação acerca da estrutura da pessoa humana. Ao fazer isto, apontou para as características essenciais, sem as quais a definição de pessoa não se sustenta. Com efeito, o termo “pessoa” não denota uma estrutura concebida a priori das descrições fenomenológicas.

As análises fenomenológicas de Stein a respeito da estrutura da pessoa tiveram início com a descrição do fenômeno corpóreo a partir da vivência perceptiva da corporeidade que

possui a qualidade de ser “viva”. A vida interior é caracterizada pelas funções psíquicas e espirituais da pessoa humana. Enquanto a vida interior pessoal é inteiramente acessível pela percepção interna, a apreensão da interioridade alheia somente é dada, indiretamente, via empatia (*Einfühlung*, que significa literalmente, “sentir em”), que permite reconhecer a vivência corpórea alheia como uma corporeidade preenchida de sentido (um corpo vivo) e apreender a intencionalidade dos atos das outras pessoas (Stein, 1917).

A vitalidade do corpo, portanto, está vinculada aos aspectos psíquicos e espirituais manifestados em outras vivências, tais como as sensações, sentimentos e estados vitais (alegria, tristeza, cansaço, euforia, etc.), as vivências volitivas e cognitivas – as duas primeiras referentes ao aspecto psíquico e as últimas, ao espiritual. Os corpos vivos (*Leib*, ou seja, o corpo animado pelos aspectos psíquicos e espirituais) ao mesmo tempo em que estão submetidos às leis causais, apresentam autonomia em relação às mesmas. O corpo não é apenas objeto, mas um organismo, submetido também a outros tipos leis, sejam estas provenientes da conexão entre o corpo e a alma (*Seele*) ou entre o corpo e o espírito (*Geist*) – como é o caso das leis teleológicas e das leis da motivação (Stein, 2010a; 2010b).

Delimitando, pois, a estrutura da pessoa humana e salientando a especificidade das leis que operam quando da manifestação da mesma (principalmente as leis da causalidade e da motivação), Stein (2005a) discutiu as ciências empíricas que almejam o escrutínio dos aspectos constitutivos da pessoa abordados pela análise fenomenológica. Tais ciências, que ela definiu como ciências da subjetividade, são: a fisiologia, para o estudo do organismo vivo e suas funções corpóreas; a psicologia, para o estudo da psique que, por sua vez, deveria contar disciplinas auxiliares. Cada ciência apontada por Stein (2005a) deve elaborar métodos que sejam adequados para a abordagem de seus respectivos objetos, respeitando-lhes a sua estrutura e constituição.

Uma antropologia filosófica consistente deve fundamentar as ciências que se ocupam da pessoa. Com efeito, todas as ciências já pressupõem uma definição de seus objetos, não se ocupando com esclarecimentos teóricos a respeito dos mesmos, tarefa própria da filosofia. Além do mais, as ciências empíricas, com seus métodos diversificados, partem da experiência natural, muitas vezes manipulada e controlada pelos experimentos científicos (Stein, 2005a).

A psicologia, como as demais ciências empíricas já pressupõem uma definição de seus objetos, não se ocupando com esclarecimentos teóricos a respeito dos mesmos. À fenomenologia, cabe, portanto, esclarecer às ciências empíricas a fundamentação de seus próprios postulados: “A psicologia que investiga a percepção, a vontade, a fantasia, etc., tal como estas se dão de fato, e que constata as condições reais nas quais elas aparecem efetivamente, pressupõe já o que é, em geral, a percepção, a vontade, a fantasia, etc., ou seja, precisamente o que a fenomenologia investiga”. (Stein, 2005a, p. 686, tradução nossa).

É preciso, portanto, que a psicologia adote métodos capazes de abrangerem ambas as ordens (as leis causais e as de motivação) que sustentam a constituição do fenômeno psíquico. Assim, se fazem necessários, além dos métodos de cunho explicativo utilizados conforme os modelos das ciências naturais tradicionais, outros métodos que busquem não tanto a explicação dos fenômenos, mas a sua compreensão (Stein, 2010a). Com essa finalidade, a autora valida diversos recursos que podem ser utilizados pela psicologia e pelas ciências da pessoa em geral, tais como as diversas fontes de produção do espírito humano (por exemplo, a literatura) e os relatos subjetivos da história de vida e das vivências presentes, além do estudo das tradições. Nesse sentido, valoriza as tradições de saber sobre a pessoa como um recurso para as investigações das ciências humanas individuais.

Em vários textos e conferências, Stein utilizou figuras da tradição literária colocando-as em diálogo com os desafios das ciências da pessoa no presente. Numa conferência

dedicada à mulher proferida em janeiro de 1932, Stein discutiu a possibilidade de conhecer o dinamismo psíquico através de figuras da literatura. E, no mesmo ano, no mês de março, na conferência acerca do natural e sobrenatural na obra *Faust* de Goethe, afirmou que a psique pode ser conhecida pela análise literária e por suas tradições (Stein, 2005c). Enfim, num escrito de 1936, dedicado à obra *Castelo interior* de Teresa d' Ávila, Stein teceu uma comparação entre a concepção de psique e de pessoa proposta por Teresa e as concepções da psicologia moderna. Além do mais, criticou as últimas pela incapacidade de abarcar o estudo completo dos fenômenos psíquicos, devido a um preconceito pelo qual se passou paradoxalmente de um projeto de criar uma ciência da alma nos séculos XVIII e XIX, para uma "psicologia sem alma" no século XX. Segundo a filósofa (Stein, 2005b), este fato depende de os psicólogos seguirem suas próprias visões do mundo sem propor um aprofundamento sério e rigoroso das questões últimas e, ao mesmo tempo, rejeitando aquelas tradições de pesquisa que se ocupam e se ocuparam da pessoa.

Ditas questões se referem às relações entre os fenômenos psíquicos e as visões do mundo próprias das diferentes culturas, relações essas abordadas pelos conhecimentos filosóficos, notadamente pela área definida por Stein (2010b) de antropologia filosófica. Levando em conta esta situação, Stein formulou a proposta de construir uma história da psicologia complementada pelo estudo das visões do mundo de cada psicólogo e de cada época considerada (Stein, 2005b).

Em suma, a fenomenologia, por um lado, contribui para a fundação das ciências que abordam o estudo da pessoa, por meio da aplicação do método fenomenológico ao estudo das vivências pessoais; por outro, propõe a perspectiva de uma significativa possibilidade de integração entre as tradições de saberes e aquelas ciências.

Conclusão

Hannah Arendt (1906-1975) assinalou que “a interpretação crítica do passado tem como alvo principal descobrir as verdadeiras origens de conceitos tradicionais, a fim de destilar deles sua primitiva essência que tão melancolicamente evadiu-se das palavras chaves da linguagem deixando atrás de si formas ocas com as quais se dão quase todas as explicações, à revelia da subjacente realidade fenomênica” (1961, p. 41). O conceito de pessoa é um desses conceitos tradicionais cuja primitiva essência acabou sendo perdida dando lugar a formas ocas. A fenomenologia proporciona uma possibilidade de resgate do mesmo, não tanto como construto teórico e sim enquanto fenômeno.

Referências

- Araújo, S. (2009). Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. *Scientiae Studia*, 7 (2), 209-220.
- Arendt, H. (1961). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, Perspectiva.
- Bertagna, G. (2006). *Scienze della persona: perché?* Bergamo: Rubbettino Editore.
- Bruner, J. (1997). *Actos de Significação*. São Paulo: Artmed.
- Cooley, G.H. (1902): *Human Nature and the Social Order*, New York: Charles Scribner's Sons.
- Edwards, D., & Potter, J. (1992). *Discursive psychology*. Sage, London.
- Gergen, K. & Gergen, M. (2005). *La costruzione sociale come dialogo*. Padova: Logo Edizioni.
- Husserl, E. (1996). *Investigações lógicas*. (Z. Loparic & A. M. A. C. Loparic, trads.). São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1901).
- Massimi, M. (2016). *História dos saberes psicológicos*. São Paulo: Paulus Editora.

- Mead, G. H. (1903). *The definition of psychical*. First Series, Vol. 3, (pp.77-112). Chicago: Decennial Publications of the University of Chicago.
- Merz, J. Th.. (1896). *History of European thought in the nineteenth century*. Vol I. Edinburgh and London: William Blackwood and Sons.
- Porta, M. A. G. (2004). A polêmica em torno ao psicologismo de Bolzano a Heidegger. *Síntese: Revista de Filosofia*, 31(99), 107-131.
- Ringer, F. K. (2000). *O declínio dos mandarins alemães – a comunidade acadêmica alemã, 1890-1933*. (Azevedo, Dinah A., trad.). São Paulo: Edusp.
- Stein, E. (1917). *Zum Problem der Einfühlung*. Halle: Buchdruckerei des Waisenhauses.
- Stein, E. (2005a). Introducción a la Filosofía. In: Stein, E. *Obras Completas: Escritos Filosóficos etapa fenomenológica*. V. II. (F. J. Sancho, OCD et. al., trads. J. Urkiza, OCD, rev.). Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad. (Original de 1991, publicação póstuma).
- Stein, E. (2005b). *Obras Completas: Escritos espirituales* V. V. (F. J. Sancho, OCD et. al., trads. J. Urkiza, OCD, rev.). Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad.
- Stein, E. (2005c). *Obras Completas: Escritos antropológicos y pedagógicos*. V. IV. (F. J. Sancho, OCD et. al., trads. J. Urkiza, OCD, rev.). Burgos: Editorial Monte Carmelo; Vitoria: Ediciones El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad.
- Stein, E. (2010a). *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften*. ESGA, Band 6. Freiburg im Breisgau: Verlag Herder GmbH. (Original de 1922).
- Stein, E. (2010b). *Der Aufbau der menschlichen Person*. Edith Stein Gesamtausgabe – ESGA, vol. 14. Freiburg: Herder. (Original de 1932).

Data de submissão: 27/11/2016

Última revisão: 11/11/2018

Data de aprovação: 05/12/2018